



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

6 de Março de 2004 • Ano LXI • N.º 1565
Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

O GAIATO faz anos

QUEM lhe canta os parabéns e bate as palmas são os Leitores. Por agora vão duas páginas de ressonâncias.

Ao longo do ano são inúmeras as que ficam no silêncio dos nossos corações, a ecoar nas fímbrias da alma aquecendo o nosso fervor. Outras, vamo-las publicando na pureza da sua expressão com medo de as macular com qualquer comentário.

O correio dos Leitores é o grande sinal de comunhão. Aliás, a Obra da Rua é do Povo de Deus.

O GAIATO é o veículo da harmonia entre todos; por ele se difunde a vida da Obra dentro e fora de portas.

Sessenta e um anos representam já uma longa relação entre membros e cabeça — um longo casamento — pelo qual todos devemos dar Graças!

Não admira que o *Famoso* seja tema de meditação, oração, despertar de consciência, optimismo e Evangelho. Não admira. Ele é escrito na presença de Deus.

O seu Fundador escrevia e mandou-nos fazer do mesmo modo: — *como quem reza.*

A oração é, em primeiro lugar, escuta da Palavra de Deus. Mesmo feita em privado ou a recitar fórmulas, milhões de vezes repetidas, só é oração se for: ouvir, perceber e sentir a mesma Palavra. Por isso, deve ser feita, muito devagar, de forma que desça ao coração e o ilumine interiormente e saia da boca, da nossa caneta ou do computador já como Palavra de Deus. Assim, quem reza, ouve o próprio Deus.

O Senhor conhece todas as necessidades do homem, o que sentimos, desejamos ou projectamos antes de lho revelarmos. Necessitamos, sim, de nos abrimos a Ele, expondo, para nos afeiçoarmos. É a Sua Palavra que nos anima, esclarece e fortifica.

O que Deus mais deseja — o Seu maior anseio — não é ouvir-nos, mas que O escutemos.

Só Ele é Fonte da Vida ou, como

disse o Mestre, Caminho, Verdade e Vida.

Ouvi-IO e acreditar de forma comprometida é a melhor oração.

O GAIATO é a nossa defesa e o nosso refúgio. Sem ele, há muito que os inimigos dos Pobres e das crianças desamparadas os teriam devorado vivos, na ânsia de os tornarem objecto do seu trabalho e lucro.

Ele é ainda a expressão contínua e viva das vicissitudes da Obra da Rua.

Através dele a Obra chega aos Pobres e aos seus Amigos como veículo das dores, amarguras e incapacidades dos mais frágeis e mais humildes e retorno das ajudas dos nossos Leitores.

O GAIATO é como as artérias de um corpo social que é a nossa Obra, através das quais passa o sangue purificado e purificador do Espírito Divino unindo todos os que fazem parte deste corpo.

Como mensageiro do Reino de Deus, o seu anúncio é dado, em primeira mão, aos Pobres. Só eles o entendem e se animam nele.

Padre Acílio

MALANJE

«Pata-Pata»

O Quela é uma povoação debruçada sobre a Baixa-de-Cassanje. Dizem que nas encostas e ravinas se encontram diamantes encastrados nas rochas. Acredito que sim.

Pelo menos um veio ter a nossa Casa — é o «Pata-Pata». Umas Irmãs recolheram-no, aos dois anos de idade. Nada sabe sobre a sua família; as Irmãs que o abrigaram também não. Saiu mesmo duma rocha!

Tem treze anos e só a 3.ª classe. Vive com mais vinte e quatro rapazes na nossa fazenda da Carianga — Casa anexa da Casa do Gaiato de Malanje e fruto duma situação sem jeito.

«Pata-Pata», membro desta pequena família, onde o chefe é da sua idade, vai à lenha, trata dos porcos, lava a loiça, varre o chão — conforme o que lhe toca na distribuição das tarefas. Está na sua Casa e sua família — remendo pobre, mas necessário e útil nesta sociedade e momento.

Hoje, dormiu cá. O sino, jante de carro, toca bem e a horas. Chamou-nos às 7.30 h. para o pequeno-almoço — papas de soja — que me regalaram.

A seguir, a distribuição dos trabalhos: Dois para pisarem o bombom; três para buscar quisaca; três nas limpezas; dois a tratar dos porcos; dois tratam dos patos e mais; e eu a escrever-te esta crónica.

«Pata-Pata» passou por mim com um balde de água — os pés de lado, por isso, o nome.

O sol vai-se estendendo pelo planalto e no seu rasto, o silêncio dos pássaros.

Padre Telmo

TRIBUNA DE COIMBRA

As crianças

DE novo, no pensamento do Papa, as crianças. Desta vez, com propostas de reflexão e empenhamento do nosso itinerário quaresmal. Ainda há pouco foi Natal e tanto das crianças se falou... De novo as crianças! O tema é inesgotável. Elas são o melhor do mundo. Também é por elas, pelo modo como são acolhidas e amadas que podemos apreciar o equilíbrio do mundo e dos homens. Elas são o futuro. O tema é mesmo de centralidade cristológica: «Quem acolhe em Meu Nome uma criança, como esta, acolhe-Me a Mim» — afirma Jesus. Esta identificação de Jesus é para nós, cristãos, provocatória e particularmente incisiva em termos axiológicos: «Tudo o que fisteste ao mais pequenino, a Mim...» Acolher com humildade e liberdade interior, sem domesticar ou aprisionar. Alguém escreveu, parafraseando o pensamento dos sábios e dos místicos, que elas são o sorriso de Deus. Não será por falta desse sorriso que o nosso munda anda, às vezes, tão triste e sombrio? Não

podem as legislações dos homens, efémeras, apagar este sorriso de Deus, como se fossem donas da vida. Só Deus é dono da vida! Por isso, acolher e promover a vida desde o princípio até ao fim. Acolher a vida nas mais variadas formas de acolhimento. A família de feição tradicional, a mais sublime que os homens encontraram para o crescimento harmonioso dos seus filhos. Hoje há problemas difíceis nesta estrutura ancestral da Humanidade. É preciso reflectir, ajustar sem sacrificar no «altar» da moda os verdadeiros valores que a sustentam. Há casais que não têm filhos. Constituem, nesta circunstância, um colo privilegiado para acolher os filhos daqueles que, por tantos motivos, os não podem ter ou a organização social lhes não pode reconhecer capacidade para os criar. É o plano da adopção. As instituições de acolhimento; as de solidariedade social que hoje tanto parecem envergonhar o Estado no contexto desta Europa infértil e avessa à cultura da vida, da natalidade, têm de ser mais consi-

deradas pelo Estado que não deve arrogar-se de ser o novo patrono dos «órfãos» e desprotegidos. Tarefa para a qual a história da solidariedade entre os homens não lhe reconhece o primeiro lugar de cidadania.

O grito da Madre Teresa e do Padre Américo, tiveram e continuam a ter alcance mais

profundo no coração dos que se compadecem e acolhem. Como dizia o Padre Américo, desafiando os poderes do seu tempo: «Eu estou a remediar...», entendendo no «terreno» o verdadeiro discurso do acolhimento e da Caridade entre os homens.

Padre João

ENCONTROS EM LISBOA

Estamos vivos

DUAS ideias apenas: Estamos vivos; parabéns jornal O GAIATO. Não sei se algum dia a vida foi fácil. Por vezes, olhamos para certas épocas e parece que tudo corre, olhamos para outras e parece que nada anda. Creio que tem muito a ver com a nossa forma de olhar e que é mais um problema psicológico do que real. Toda a vida é um dom, mas esse dom cria responsabilidades que, no dia a dia, custam a enfrentar. Podíamos viver uma vida despreocupada, podíamos pregar sem nos comprometermos, podíamos dizer sim a todos os enviados de faraó que nos aparecem por perto... podíamos, mas por questões de ética, de educação e de responsabilidade, não somos capazes e então a vida tem momentos de travo amargo que «O Ressuscitado» procura animar, polvilhando essa vida de esperança.

A Opinião Pública

A CONTECENDO (e continuo a citar o artigo de «Le Monde Diplomatique» a que me referi há quinze dias) que «o quarto poder, por assim dizer, traiu os cidadãos e se passou com armas e bagagens para o inimigo» — «o que se impõe é criarmos um quinto poder que nos permita opor 'uma força cívica cidadã' à nova coligação dos dominantes»; «quinto poder cuja função consistirá em denunciar o super poder dos grandes grupos mediáticos, cúmplices e difusores da globalização liberal» (...) e em «desenvolver uma reflexão sobre a maneira como os cidadãos podem exigir aos grandes media mais ética, verdade e respeito de uma deontologia que permita aos jornalistas agir em função da sua consciência e não dos 'interesses dos patrões que os empregam'». Parece, pois, urgente que «os cidadãos se mobilizem para exigir que os media pertencentes aos grandes grupos respeitem a verdade, porque só a busca da verdade constitui a legitimidade da informação».

Continua na página 4

Colaboração

NOTA DA REDACÇÃO — As cartas testemunham o sentir de gente que vive O GAIATO. Rica vivência de quem lê o *Famoso* com o coração nas mãos.

Celebramos, agora, os 61 anos d'O GAIATO.

Dos títulos destacamos *Inquietação sacerdotal* que transparece a Força espiritual, o estado de alma de alguns sacerdotes.

Também a *Voz dos Jovens* que sentem a Palavra de Deus com entusiasmo — o futuro do amanhã.

Não falando, já, da *Correspondência de Família*, amor à Obra da Rua que Pai Américo lançou, do seu coração rico de Fé, de amor por todos quantos passaram pelas Casas do Gaiato, por suas mãos sacerdotais, também.

Ainda *Recordações* que lembram a vida e Obra do nosso Fundador — o Pai Américo — desde o início da Obra que o Senhor criou por suas mãos, dedicada aos Rapazes da Rua, Doentes incuráveis sem eira nem beira, Pobres mais pobres que sofrem e a sociedade despreza.

Júlio Mendes

Continuem com o vosso trabalho, apesar dos ataques que têm sido desferidos à Igreja católica e aos seus ministros. Não desanimem, pois Cristo foi muito mais vilipendiado.

Assinante 73549».

Mensageiro de ternura e amor

«Sempre que recebo este maravilhoso *Jornal* faço a sua leitura com fé e devoção, que me tocam interiormente.

É o mensageiro da ternura e do amor. Estou muito longe de Paço de Sousa e já tenho 78 anos à vista, mas, confesso que seria para mim uma satisfação muito



Gaiato

grande visitar a vossa Casa e conviver com os vossos encantadores filhos.

Termino transcrevendo parte de uma sublime oração que alguém escreveu com uma imaculada ternura:

Jesus, irmão, amigo, amor, sobre Ti ergo o punhado de rosas perfumadas (colhidas na pressa de Te ver) que vou abrindo emocionada largando devagar rosa após rosa unguindo-Te a cabeça, os pés e o ser.

Assinante 71820».

Emocionada

«Agradeço as boas palavras que, há tempos, teve a bondade de me dirigir.

Volto a escrever porque fiquei muito emocionada ao ler n'O GAIATO o caso da senhora que está a fazer a sua casinha com

dinheiro emprestado a altos juros e com a notícia dos que na Massaca (Moçambique) ficaram com as suas casas destruídas pelo tufão.

Estes casos mais recentes e outros noticiados nos vários números d'O GAIATO levaram-me a enviar, com muito amor, à Obra de Pai Américo, o subsídio de férias que recebi por ser aposentada dos CTT, onde trabalhei quarenta anos e seis meses. Distribuí-lo-á conforme achar mais necessário.

Apesar de tantos trabalhos, dificuldades e vicissitudes, a Obra da Rua continuará a sua missão de bem-fazer aos gaiatos e às nossas almas porque é uma Obra de Deus.

Assinante 4514».

Adiante: — Peço-lhes que aceitem a pequenina oferta que vos mando. Depositem-na nas vossas mãos porque acredito plenamente que ela vai render muito mais nas vossas do que nas minhas.

Assinante 26263».

Hino de louvor

«Quero agradecer O GAIATO que, agora em férias, tenho lido mais. E como é bom ler-vos! Durante o resto do ano cheguei a pensar que o *Jornal* deveria ser mensal, mas, agora, percebo que aqueles de vós que se dão a tanto trabalho por ele, devem ter razão: assim, lembramo-nos mais vezes.

Cada artigo é um hino de louvor às maravilhas que Deus vai realizando através de tantos e, ao mesmo tempo, um apelo a cada um de nós — mais jovens ou mais velhos — a sermos também instrumentos do amor de Deus, principalmente junto dos mais fracos.

Graças a Deus por todos, por tudo! Quero dedicar-me mais a esta causa e que o bom Pai Américo a todos abençoe.

Li sobre o "Porte pago", e espero não ter causado transtorno o meu atraso.

Assinante 74952».

A vossa cruz

«Para auxílio dos custos d'O GAIATO, para os mais Pobres e para as despesas dessa Casa, que vós bem sabeis destiná-lo.

Recebo, há anos, o vosso *Jornal* e, por distração nunca mandei nada para essa Obra! Mas mando esta pequenina importância com muito gosto e amor. O GAIATO, para mim, é fonte da Palavra de Deus que muito gosto e leio logo que tenho um pouco de tempo. Peço-Lhe que vos ajude a levar essa cruz, que vos colocou nos ombros. Aprecio imenso o apoio que dais aos Pobres. Que Deus vos ajude, ilumine e dê forças.

Assinante 68079».

Sabor a «mel» e a «fel»

«Quero agradecer o envio d'O GAIATO que leio com sabor a 'mel' e 'fel'. Mel pela vossa alegria e trabalho realizado. Fel pelas misérias humanas com que se deparam. Especialmente em África, pelas mortes, pelo paludismo, onde uns simples comprimidos à base de quinino curam essas doenças. Enfim, a maldade humana não enxerga estas coisas. Paciência.

Notas breves

«Pequena migalha para ajudar às imensas necessidades a que têm de deitar mão.

Ofereço também as minhas orações para que Deus vos dê força e saúde para continuarem em tão nobre missão.

Um Novo Ano cheio de bênçãos de Deus para tão grande Família.

Uma Leitora».

«Este *Jornal* não se paga. Ele é uma lição; e, sobretudo, uma oração.

Deus vos abençoe e recompense pelo Bem que fazeis.

Deseja as melhores bênçãos de Deus o velho assinante e muito grato.

Assinante 2004».

«O vosso *Jornal* é sempre esperado com ansiedade, a sua leitura faz-me pensar, reflectir e admirar, cada vez mais, o vosso trabalho, nos tempos que correm.

Deus continue a abençoar tão generosa Obra.

Assinante 28452».

«Envio uma pequena contribuição monetária para a vossa Obra.

Agradeço-vos a presença "calorosa" do vosso *Jornal*, que constitui um incentivo para o meu dia-a-dia.

Assinante 72753».

«Um cheque para O GAIATO cuja leitura é uma consolação e o restante para aplicar onde for mais necessário.

Desejando à Obra as maiores bênçãos.

Assinante 19970».

«É sempre com muito interesse que leio e releio o nosso querido *Jornal*. Que Deus abençoe a Obra da Rua, é tudo quanto desejo.

Peço uma oração pelas minhas necessidades.

Assinante 14490».

«Aproveito a oportunidade para agradecer a riqueza espiritual que me é oferecida pela leitura d'O GAIATO.

Assinante 53342».

«Como de costume, envio um cheque para o *Jornal* de que sou assinante. Não digo para pagamento porque não há dinheiro que o pague.

É um *Jornal* que leio totalmente, o que não acontece com outros que conservo dentro dos invólucros à espera de melhor oportunidade.

Assinante 20323».

«Que Deus vos ampare sempre e vos livre e à Obra da Rua, das insânias dos (i)responsáveis que julgam ser os donos do Mundo.

Assinante 59845».

«Há muito tempo que não envio qualquer contributo para a vossa Obra e, no entanto, O GAIATO é uma lufada de ar fresco que entra em minha casa.

Assinante 3524».

«Muito obrigado pelo vosso *Jornal* cheio de partilha de vida e oração. Agradeço a Deus a graça de ter tido uma Mãe que me deu a conhecer O GAIATO e a Obra da Rua.

Zé Pedro».

«Aproveito para desejar a todos os obreiros dessa Casa maravilhosa que o Bom Deus cubra de bênçãos quem tanto

se sacrifica pelo bem dos mais frágeis e esquecidos pelos homens.

Que o Novo Ano seja glorioso para todos os que acreditam no Santo Pai Américo e queiram seguir o seu Belo e Rico exemplo.

Assinante 29698».

«Pequena quantia para em troca receber O GAIATO — que é a minha meditação.

Que os Padres da Rua continuem a gastar-se para formar Homens e lutar com todas e tantas dificuldades, que topam a cada dia para poderem vencer a burocracia e o imobilismo das entidades ditas sociais.

Assinante 23376».

«Desejo simultaneamente as maiores felicidades ao vosso *Jornal*, que adoro ler

logo que chega à minha casa. Fico emocionada com a bela leitura que dele emana. Ajuda imenso a proporcionar um grande bem-estar.

Assinante 40433».

«Para que continuem a ser uma referência de Jesus Cristo no meio dos homens, uma pequena ajuda, minha e de minha Mulher.

Assinante 58303».

Inquietação sacerdotal

«Raramente leio O GAIATO logo que ele chega. É quando pode ser. Mas nunca o arrumo sem o ter lido.

De manhã, por dever de ofício, proclamei o "reino de Verdade e de Vida, reino de Santidade e de Graça, reino de Justiça, de Amor e de Paz".

Agora, O GAIATO clama por "Justiça", na rubrica "Património dos Pobres". É uma belíssima e providencial oportunidade para não ficar apenas na pregação do Reino de Deus, como tantas vezes acontece.

Assinante 33596».

«O que vós escreveis n'O GAIATO e fazeis é desconcertante. É uma grande Luz a brilhar neste mundo envolvido em trevas de egoísmo, vaidade, gozo, comodismo...

Parabéns pela coragem em afrontar e reprovar os desvios de nós próprios — os sacerdotes.

Vai uma pequena oferta para o que entenderdes.

Que nunca vos falte a coragem e alegria para continuardes a encantadora e heróica Obra de Pai Américo.

Assinante 15499».

dos Leitores

Obra da Rua

Ideal bendito

«Paz e Bem para todos vós que continuais o ideal do bendito Pai Américo, na ajuda de toda a carência e na formação de gente verdadeira.

Que pena tenho eu que ninguém copie os métodos de educação e formação que usais para que se pudesse sentir a mudança em tanta gente nova que vive sem ver para onde

caminha, sem norte, sem horizonte.

Dou por mim a pensar que sois únicos e, por isso, neste tão tenebroso mundo, tudo o que fazeis é sempre pouco; porque cá fora tudo caminha sem rei nem roque, e, aqueles que como os vossos são criados, têm sempre dificuldades e é muito complicado ficarem só pelos valores que lhes transmitimos.

Cito-vos como exemplo em todos os campos, mas

apesar de se concordar com um ligeiro assentimento de cabeça, quem é que se decide a seguir-vos?

Quero sempre estar convosco, rezar por vós, pedir desculpa das minhas preguiças e más vontades e atrasos, mas creiam-me sempre amigo e admirador.

Assinante 71290».

Justo reconhecimento

«Congratulei-me pelo justo reconhecimento que vos atribuiu a Ordem dos Advogados.

Sirva de compensação das injúrias de certa Magistratura, que de 'Magistra' nada tem. "Cegos com pretensões a guias" (Mt XV-14). Ninguém podia dizer melhor. Dá pena, porque vão direitinhos malhar com os ossos no atoleiro.

Que o Natal acenda Luzes Novas para todos e traga muita alegria para vós, especialmente.

No mesmo sentir e como sinal de comunhão fraterna, vai aqui a minha partilha.

Assinante 42602».

Tristes episódios

«Alegria e Paz — para encararem, "aguentarem" e vencerem todos os inconscientes, mentes mal formadas, direi mesmo doentes, por isso detractores. Dou graças a Deus por tudo o que tão delicada e incisivamente têm escrito no "Famoso" relativamente a tão tristes episódios. Que Pai

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Fevereiro, 61.900 exemplares.

Américo continue a obter de Deus toda a Força de que os seus sucessores necessitam para que a Obra que Ele lhe inspirou, continue. E se ela é precisa...

(...) O resto é a pensar nas Casas do Gaiato de África, uma espécie de assinatura de presença e estima e gratidão para com os que lá trabalham.

Mais tarde gostava de voltar ao encontro do Padre José Maria para tentar aliviar um tudo-nada os "en-

cargos que só Deus sabe". Haverá portador daqui a um ou dois meses?

Até sempre.

Assinante 27598».

Coragem e Fé!

«Envio cheque para o vosso Jornal e o resto será para ajudar alguém que tenha menos que eu.

É pouco para tamanha Obra, mas é o que pode ser. Peço a Deus que vos dê saúde para poderem levar a

vossa missão, pois ela deve ser bem pesada.

Muito admiro a vossa coragem, pois no mundo em que estamos deve ser preciso muita coragem e Fé em Deus para que tudo corra bem, na medida do possível!

Ainda bem que há Obras como a vossa que conseguem fazer alguma coisa pela mocidade que tão mal anda e por maus caminhos. Se conseguirem, é muito bom.

Assinante 19750».

Correspondência de Família

«Natal é quando o homem quiser, mas para milhões de homens, mulheres e crianças é um desejo quase impossível, a corroborar este meu pensamento, prestemos a mínima atenção às notícias.

Não escondo de ninguém, fui gaiato de Pai Américo e estou ciente da minha dívida de gratidão à Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

Para os senhores Padres, colaboradores e pró gaiato mais velho até ao mais pequenino o meu abraço fraterno.

Laurentino».

«Caro Padre e amigo, venho, através deste lindo postal, desejar que o Novo Ano seja melhor. E a todos os gaiatos, igualmente.

Um grande abraço deste vosso grande amigo e gaiato.

Fernandinho».

«É com muita alegria e satisfação que eu e a minha família vimos desejar um feliz Ano de 2004, junto de sua querida família, com muita saúde e Paz, são os votos do sempre amigo.

Zé Gaiato».

«Paz, Saúde e Esperança, que a vossa vida circule sempre em harmonia com a da Comunidade, as Casas do Gaiato. Votos sinceros do teu filho.

'Peixeira'».

«O meu filho, António Nuno Laia Cardoso, é assinante, gostaria de enviar muito mais, mas há alguns problemas na família que me sinto na obrigação de ajudar.

Como sabe a Casa do Gaiato faz parte de nós, onde os meus filhos foram educados e, por isso, são filhos de Pai Américo.

Acho que fizeram deles os homens que eu desejava.

Enquanto for viva quero ser eu a pagar a assinatura, pois também me sinto gaiata, como todos os que aí trabalham se devem sentir.

Deus me perdoe, se não soube fazer mais e melhor.

Para todos desejo muita saúde, e que as Casas do Gaiato tenham, como sempre, as portas abertas — enquanto houver um rapaz da rua.

Não nos esqueçam nas vossas orações. Muito obrigado.

Assinante 35737».

Voz dos Jovens

«Olá!

Eu sou a Sara, e já algumas vezes vos escrevi. Desta vez, como das outras, escrevo para agradecer o trabalho que fazem com os meninos. Será que os meninos que estão aí não são fruto de uma sociedade de que também eu faço parte?

Uns têm tantas coisas, outros nada. Mas os filhos de quem tem muito dinheiro e tudo pode comprar, não têm o carinho, o amor e a atenção que têm as crianças que vivem aí.

Tenho 22 anos, e há quatro que ando a tentar concluir o 12.º ano, porque me falta Matemática. Quase tenho conseguido, tendo tirado notas com 8,9 e 9,2 quando precisava de nove e meio, mas ainda não consegui.

Eu acredito que na vida nada acontece por acaso, mas confesso que algumas vezes me apetece desistir. Mas Deus não me deixa. Por vezes, sinto-O tão perto que quase Lhe toco! Parece loucura, não é?

O meu primeiro trabalho, numas férias de Verão, foi como empregada de balcão numa padaria. Depois, fiquei cinco meses para ocupar o lugar de uma funcionária que foi ter um bebé. Foi na época de exames e, depois disso, tive que voltar a arranjar trabalho. Um casal amigo de meus pais tem uma ourivesaria e convidou-me para trabalhar lá! Assim acontece desde Novembro. E sabe que mais? Não tenho nada a ver com aquele mundo! Cada vez gosto mais da humildade da minha família, onde o amor predomina! Onde uma flor tem o valor de uma jóia.

Um dia fiquei muito revoltada quando uma cliente me disse que sessenta contos, hoje em dia, não era dinheiro. É o dinheiro do meu ordenado (parece ironia) e é o dinheiro que muitas famílias têm para dar de comer aos filhos durante um mês inteiro.

Como não trabalho às quartas-feiras tenho tempo para ir à explicação e estudar. Ao Domingo continuo a trabalhar na padaria, onde também trabalham muitas raparigas que estudam na Universidade. Assim dou mais valor ao dinheiro que os pais nos dão, e aos sacrifícios que passam no trabalho. Afinal, tudo tem o seu lado positivo.

Tem-me custado muito o facto de não ter conseguido fazer Matemática, a tal ponto que durante o tempo que estive a trabalhar na padaria, só saía para o trabalho, o resto do tempo estava sempre fechada em casa. Tinha vergonha de encontrar as pessoas, porque elas pensam que não passamos porque não estudamos. Mas, no mundo, há sempre amigos que nos dão força. Os que não dão, não são amigos. Desculpe este desabafo, mas é bom sentir que há alguém que nos ouve. Se achar que lhe merece atenção, reze um pouquinho por mim, nas suas orações para que Deus me ajude e a todas as pessoas que como eu estudam e não conseguem atingir os seus objectivos.

Junto uma pequenissima migalha do meu ordenado, que espero seja útil. Não necessito de recibo, uma vez que não será usado.

Assinante 52851».

Recordações

«Seja-me permitido que agradeça a Deus a continuidade da actividade evangélica que a vossa Obra mantém, fiel ao legado que o nosso Padre Américo deixou.

Sou um sobrevivente dos tempos em que ele sonhava poder realizar algo com sentido em favor dos mais desfavorecidos. Seria a Obra a desenhá-lo...

Lembro-me dos ensaios com as Colónias de Férias, em S. Pedro de Alva, em que meu irmão mais velho colaborou, com mais dois ou três colegas universitários, para ajudarem a tomar conta dos rapazes, entre os quais se distinguiu o "Veneno" que, não obstante a alcunha, era de grande préstimo, dedicação, simpatia.

Por essa altura, na mente de Padre Américo, já andaria, por certo, a fervilhar a ideia das Casas do Gaiato. A oportunidade viria a seu tempo e a Obra da Rua lançava-se com determinação.

Eu, aluno dos primeiros anos do Liceu, todas as tardes aguardava, com outros colegas, a vinda do Padre Américo que

nos trazia carinhosamente as suas palavras simples, seguras, orientadoras.

Ao chegar, já fizera a sua passagem pelo Reformatório e, depois de nos ouvir e aconselhar, lá seguia a cumprir o seu roteiro de bem-fazer, a começar pelas Criaditas dos Pobres e a continuar pelas ruelas da Baixa Coimbrã.

A vida profissional que levei afastou-me, de certo modo, de um contacto continuado com o Padre Américo que, ainda hoje, considero meu primeiro director espiritual.

Mas Deus, na Sua infinita bondade, fez com que eu organizasse, na sua última passagem pela Madeira, vindo do Brasil, a sua estada e recepção.

Eu passei cada vez mais a admirar os continuadores da Obra da Rua, que sempre tiveram o sentido de não arredarem um centímetro das orientações que ele, por tantas vias, profusamente deixou.

Peço desculpa destas recordações, talvez descabidas, que vos trouxe. Mas andam-me na alma. Aqui ficam.

Que o Senhor vos dê sempre a coragem e o entendimento nas vossas provações.

Assinante 45666».

CALVÁRIO

O Pepe

DEPOIS de sentar o Pepe na cadeira de rodas, conduzo-o para a varanda interior onde, tagarelando, se encontram já outros doentes aguardando a refeição da manhã. Antes de me retirar, o Pepe estende lentamente a mão e, com muito esforço, consegue apanhar-me o braço. Fica radiante com o feito e ri alto, triunfante. Sem dizer uma palavra demonstra o desejo de que fique a seu lado. Pretende companhia.

Todo o homem gosta da presença de alguém perto de si. Quando está por muito tempo só, normalmente, sente insegurança, temor, vazio. Mesmo o mais incapaz, física ou mentalmente, não gosta da solidão. Esta faz mal ao espírito. Mas, infelizmente, a solidão é, hoje, norma na vida de muita gente.

O Pepe quer alguém a seu lado. Ele é um ser despojado de tudo. A família de

sangue não existe para ele. As capacidades humanas estão extremamente limitadas. Não pede nada. Nem para se alimentar faz qualquer sinal ou esboço. Mas estende a mão para demonstrar que deseja alguém perto, que comunique com ele, que seja seu amigo. Afinal, o desejo de amar e ser amado é o que resta sempre em todo o ser humano. E isto é ressonância divina, pois em Deus só há o Amor.

Ora, este foi e será sempre o princípio gerador de toda a família. Porque o Evangelho é a nossa cartilha e esta nos basta, pretendemos ser somente a família daqueles que a não têm. Não queremos ser apenas uma organização de acolhimento de desprotegidos para os proteger. Chamam-nos Instituição (e legalmente até o somos), mas não articulamos a nossa vida pelos padrões de uma Instituição. Formamos comunidade. Somos uma família onde os membros vivem para se amarem como irmãos.

Numa Instituição tudo é regulado hierarquicamente. E o salário marca, normalmente, os degraus. Depois

existem convenções de trabalho, regulamentos, horários, férias. Tudo bem. Mas entre nós tudo é diferente, porque queremos ser família em que cada elemento dela é chamado a ser irmão do outro, a estar ao serviço do outro; onde cada um dispõe dos outros, sabendo que pode contar com eles quando necessita. Não é fácil entender o nosso viver. Mas, pelo menos, deixem-nos ser como sempre fomos, rasteirinhos, e como o Povo português, que nos conhece, sempre desejou que continuemos a ser.

O Pepe continua a agarrar-me o braço, inocente, feliz.

Padre Baptista

A Opinião Pública

Continuação da página 1

Para concretizar esta «força cidadã» o articulista propõe a criação do «Observatório Internacional dos Media», associação que seria a «instância imparcial, credível, independente e objectiva para definir e defender a deontologia e ética da informação», de modo que fosse respeitado «o direito que todo o cidadão tem a uma informação não contaminada». Servi-la-iam «jornalistas, universitários e investigadores de todas as disciplinas, militantes associativos, leitores de jornais, ouvintes da rádio, telespectadores, utilizadores da Internet, cidadãos comuns e personalidades conhecidas pela sua estatura moral — todos unidos para forjar uma arma colectiva de debate e acção democrática» que «venha afirmar que este será o século em que a comunicação e a informação hão-de, por fim, pertencer a todos os cidadãos».

Trata-se de uma bela proposta, fundada em profundas razões, mas, com certeza, de muito difícil realização; até porque a História não abona muito a pureza continuada e, portanto, a eficácia das grandes Associações Internacionais. Mas a ideia é válida e portadora, ao menos, de um dinamismo tendencial. Pois vem sublinhar a

necessidade desta «força cívica cidadã» que modere os excessos e equilibre a postura dos outros poderes, três ou quatro que sejam, e que tem por suporte o Povo, o mais possível em acção directa mediante os seus cidadãos comuns, sem expectativas de «messias» que acabam sempre por revelar-se falsos ou estereis.

Tenho pensado, e escrito algumas vezes sobre esta «força cívica» a propósito de Angola, com guerra e já sem guerra mas ainda não em paz: Um grande grupo de cidadãos com pensamento e vontade próprios que também é Povo angolano, mas tarda tanto em ter voz audível dentro e fora do território, nas instâncias internacionais cuja filosofia anda muito próxima da globalização liberal.

Neste mundo auto-proclamado das liberdades e dos direitos, vai havendo lugar para grupos que se constituem em nome dos homens e em favor deles — e acabam por os massificar. Só quando for regra praticada a prioridade evangélica dada ao Outro por cada homem, será possível desaparecer a tensão entre o homem e as sociedades.

Enquanto não, a condição da vida do homem no Tempo, será passá-lo em estado de alerta.

Padre Carlos

PÃO DE VIDA

Pombas

Aurora, de frescura e paz, na nossa Aldeia de rapazes, tem surpresas visíveis e agradáveis. O miolo está para além do que vemos. Não importam tanto as sombras, mas a luz a despontar que levanta as nossas pombas, para descerem em bandos harmoniosos e ligeiros até ao largo da Capela e casa-mãe.

Os nossos rapazes gostam de pombas. Ainda bem! Aos malefícios nos telhados e granito sobrepõe-se a necessidade de crescerem com a beleza da natureza.

Bem cedo, é admirável o espectáculo de brancura e dedicação destas aves que procuram afincadamente os cibinhos caídos no chão. Debicam antes da algazarra da garotada, que vem a chilrear para o refeitório e depois, reconfortada, segue para a escola, tarefas domésticas e oficinas.

Não ficam paradas, à espera do milho que o «Moranguinho» leva ao pombal. Deixam os seus ninhos e envolvem-se com a nossa família, alargada.

Melhor do que as imagens que ferem até à medula, é a vida ao ar livre, neste vale fértil

de cultura monástica, dos que nos são confiados.

É de paz, que se educa nas coisas simples, a boa notícia do Mensageiro. As histórias pessoais de abandono e perigos ficaram marcadas nos corações e reservadas nos papéis, encharcados com bagadas de lágrimas.

Para voar bem alto, as pombas brancas não escarafuncham em pântanos cinzentos.

O «Peixinho» refilou, quando se encontrava no pombal, deslocado do seu lugar de trabalho. A tentação de cuidar das pombas é grande e saudável. Era de deixar, nesse momento, as pombas em paz. *Olhai as aves do céu...* O Criador deu-lhes asas para voar, acima de nós, e pisar o solo quando a fome aperta.

É bom preencher a vida com sonhos altos, na nossa Casa. Ela é dos rapazes sem família, que aqui encontram ninho seguro. Da Igreja, nossa mãe! O Povo de Deus não deixa fugir a Caridade das suas asas, na linha da tradição cristã. *A sombra das vossas asas se refugiam os homens.*

As nossas pombas deliciam-se a percorrer os caminhos para as mesas, já postas, com leite a fumer.

Quando chegam os mais ladinos, é hora de bater as asas. Chegadas à terra e pelo ar, transmitem serenidade e ajudam os nossos rapazes a subir à altura de homens, da Luz, a novidade que nos exige e convida cada dia à contemplação da vida.

Padre Manuel Mendes

BENGUELA

Caridade ardente

Aquinzena foi rica de surpresas. A deslocação ao Cubal vem em primeiro lugar. Há vinte e seis anos fiz o mesmo percurso, por razões diferentes. Agora, na companhia da Teresa, levámos o nosso Matapalu que caiu doente sem possibilidade de cura. Há dois anos ficou com sérias perturbações mentais, a necessitar dum acompanhamento especial que não podemos dar-lhe. Recorremos, por isso, às mãos carinhosas das Irmãs Teresianas, no Cubal.

Há vários anos recebemos mais duma dezena de crianças abandonadas que as Irmãs haviam acolhido no seu coração de mulheres consagradas e guardavam-nas numa dependência provisória. Estávamos em plena guerra e o perigo dum ataque iminente rondava a Missão. Vieram de helicóptero e também por via terrestre. Desta vez, fomos nós a bater-lhes à porta.

É admirável esta cooperação. Vamos no mesmo barco. Servimos o mesmo Senhor que vai ao leme. O ideal que queima a nossa vida é o mesmo.

A surpresa desta viagem ao Cubal está na Obra que a Igreja faz, ali, a favor do Povo humilde e pobre, cuidando dos doentes de vários males, com ressonância em Angola inteira. O hospital para tuberculosos, na sua pobreza e simplicidade, revela bem a grandeza do coração daquelas mulheres consagradas. É impressionante o número de doentes internados e dos que batem à porta diariamente. Outro hospital fica ao lado. É para as doenças comuns.

Há vinte e seis anos estive lá. Era o grão de mostarda a rebentar e a crescer para dar a árvore grande que agora é, onde se abrigam os filhos mais queridos do nosso Deus e Pai. As obras destinadas a ser grandes começam assim. Numa zona com densidade populacional muito elevada, esta Obra ergue-se como testemunha visível e credível da maternidade da Igreja. Quem dera fosse assim noutros cantos de Angola!

Uma Aldeia de mais velhos e outras famílias a que vieram juntar-se muitos filhos, completa o quadro lindo que me foi dado ver. Ao tomar conhecimento da história daquela pequena, mas muito preciosa comunidade, a viver em casas simples e bonitas, feitas de adobes cuidados e cobertas de capim bem tratado, experimentei o encontro com Pai Américo. Cada comunidade, cada paróquia, cuide dos seus Pobres, dizia ele. Foi o que eu vi naquele lugar santo. Santuário, sim, gosto de chamar àquele lugar, onde Deus é adorado em Espírito e Verdade.

Antes, eles e elas andavam de canto em canto, a pedir esmolas, sempre na companhia das crianças para atrair e comover. Agora, têm as suas casas. É uma verdadeira família unida pela Caridade ardente, qual fogo que alimenta a fogueira e junta à sua volta, em alegre convívio, os que vieram de longe e de perto. Vivemos um momento muito feliz.

Pois, nesta comunidade passou a viver o Matapalu, entregue a um casal, ainda novo, sem outros filhos. Durante a viagem, íamos confiantes na palavra da Irmã Generosa, que esteve no alicerce de toda esta maravilha. Só por isso decidimos levá-lo. Agora, tudo faremos para ajudar este projecto. O José Luís tem ido, várias vezes, dar o apoio necessário na área da electricidade e partilhar a riqueza humana e espiritual que enche a sua vida. Estes projectos, feitos à medida daqueles para quem são, estão destinados a ter êxito.

Outra surpresa foi a visita do Sampaio. Criado em nossa Casa, desde pequeno, foi para Portugal, há vinte e sete anos, para ser operado à coluna. Parece um sonho, disse ele, ao contemplar a Aldeia que o viu crescer! Espero que não acabe o seu amor por Angola, apesar das feridas que viu a sangrar no seu rosto de mãe. Até breve! Angola precisa muito de ti para tratares os dentes dos seus filhos. Também és filho de Angola.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

Há gente que descansa, cansado sem perder tempo, em espiritual palmilhar.

PAI AMÉRICO

SETÚBAL

Fidelidade

NA hora de escrever para O GAIATO todo o mundo pára, só o espírito se movimenta.

Quanta palavra a des-tempo, quantos pensamentos deslocados da realidade em outras horas! A de escrever, é hora de oração.

Como nesta, também no momento de escrever é, por vezes, difícil sintonizar o nosso espírito com o Espírito de Deus. É Ele que nos ensina todas as coisas.

A insistência em escrever, como em rezar, fazendo, se necessário, violência vem da fidelidade a que se quer corresponder. Quantas vezes a fidelidade exige renúncia de si mesmo!

A fidelidade procura o equilíbrio, a paz. Tal como o fiel da balança tende a alcançar o seu ponto de repouso, assim o fiel procura o equilíbrio da paz duradoura.

Escrever para O GAIATO é ir em busca da Verdade onde reside a paz. Ler O GAIATO é fazer igual percurso.

Então seria sintonia valorizá-lo materialmente. Tal como se não pode pagar o Serviço Divino nem a oração, assim O GAIATO não tem preço.

Padre Júlio